

Diálogos entre fenomenologia da vida e psicanálise sobre o tema das migrações. Sentimentos frente ao estrangeiro

Dialogues between phenomenology of life and psychoanalysis on the subject of migration.

Feelings towards the foreign

Maria Aparecida da Silveira Brígido¹

Lia Dauber²

Resumo

A realidade dos movimentos migratórios humanos, em tempos de globalização, nos convoca a refletir sobre os sentimentos decorrentes do desconcerto, estranhamento e temores frente aos estrangeiros. A sensação de ameaça real ou imaginária pode desencadear reações como rechaços, desconsideração e desrespeito frente ao outro ser humano. Desta forma, o estrangeiro torna-se um depositário da angústia e desorientação destes tempos contemporâneos. Discutimos conceitos da fenomenologia da vida, do filósofo Michel Henry, a partir de sua obra *A Barbárie* (2012) e o texto de Freud, *O Estranho* (1919). Em toda cultura há o experienciar-se a si e ao fundo comum que é a potência humana, o *pathos*. O estranhamento, o sentimento inquietante frente ao estrangeiro é o desconhecimento de si projetado no outro humano.

Palavras-chave: Migrações. Fenomenologia da vida. Psicanálise.

Abstract

The reality of human migration in times of globalization, calls us to reflect on the feelings arising from confusion, alienation and fears ahead to foreigners. The sense of real or imagined threat can trigger reactions as rejections, disregard and disrespect front of another human being. Thus, the alien becomes a keeper of distress and disorientation of these contemporary times. We discussed concepts of phenomenology of life, the philosopher

¹Maria Aparecida da Silveira Brígido- Psicóloga, Psicanalista - Mestre em Psicologia Clínica pelo Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra - Portugal, pesquisadora Grupo de Pesquisa Aconselhamento Psicologia Pastoral e Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Vida na Faculdades EST - Brasil. E-mail: masilveira@sinos.net

²Lia Dauber -Psicóloga Clínica - Mestre em Psicologia da Saúde e Comportamento Social (UCDB-MS), pesquisadora Grupo de Pesquisa Aconselhamento Psicologia Pastoral e Grupo de Pesquisa Fenomenologia da Vida na Faculdades EST – Brasil. E-mail: lia@dauber.com.br.

Michel Henry, from his work *Barbarism* (2012) and the text of Freud, *The Stranger* (1919). In every culture there is to experience yourself and the common fund that is human power, the *pathos*. The strangeness, the unsettling feeling front abroad is the lack of projected itself in other human.

Keywords: Migrations. Phenomenology of life. Psychoanalysis.

Considerações Iniciais

A realidade da globalização e dos movimentos migratórios humanos coloca os refugiados como desenraizados, alienados, o que convoca a refletir sobre as diferentes sensações e emoções sentidas, como desconcerto, estranhamento e temores frente aos estrangeiros. Pereira³ afirma que desde os helenos, a pessoa diferente do patrício, era um estrangeiro. Os gregos se consideravam como tendo e sendo do mundo, os demais, seriam estrangeiros, logo bárbaros, não civilizados e inferiores. Dizer que o outro é inferior refere-se ao que não é próprio da pessoa e do seu povo. Considerar o estrangeiro um ser bárbaro seria uma manifestação de etnocentrismo do povo helênico resultante de uma fraqueza ontológica como pessoa e como povo

Este termo – bárbaro, usado para tudo o que é estrangeiro ao modo não civilizado e grosseiro, conforme os gregos e romanos, ainda hoje é usado e subentende em considerar que o bárbaro/estrangeiro não tem propriamente um mundo, já que sua cultura é diferente daquele que o julga. Portanto, diz Pereira⁴, “[...] bárbaro é tudo isso que se considera que põe em causa o mundo como mundo”. O bárbaro seria, então, ameaçador, quanto a soberania, disputa de espaços, religiosidades, sendo alvo de rechaço e de conseqüente desconsideração e desrespeito.

Para Henry, a existência do grupo humano é possível pelos modos diferentes de cultura que ao longo dos milênios preservam o que existe e esperam ocasião para perceber no saber adquirido a descoberta da construção de novos mundos. Para o filósofo a cultura é ao mesmo tempo constituinte do sujeito da cultura e seu objeto.⁵

³PEREIRA, A. J. P. Da Barbárie como fenômeno ético e político. In: II Congresso Internacional da Faculdades EST, v.2, 2014, São Leopoldo. **Anais**. São Leopoldo: Faculdades EST, 2014. p. 568.

⁴PEREIRA, 2014, p. 568.

⁵BRIGIDO, M. A. S.Barbárie na Psicanálise, Ciência e Cultura. Uma Intersecção Conceitual. In:I Congresso Internacional Pessoa e Comunidade: Fenomenologia, Psicologia e Teologia e III Colóquio Internacional de Humanidades e Humanização em Saúde, 1., 2014a, São Paulo. **Anais**. São Paulo: IPUSP, 2014. p. 629-640.

A barbárie enquanto uma ação que é premeditadamente destrutiva ocorreu em muitos momentos da história da humanidade e ainda continua proliferando na contemporaneidade, como constatamos em tantos fatos veiculados recentemente pela mídia, em relação aos migrantes.

Trata-se de uma questão central na atualidade, onde se identifica a barbárie agora, como uma forma de reação diante da estranheza e suposta ameaça que causa o migrante, como estrangeiro, embora todos façam parte da mesma humanidade. A relação com o estrangeiro, onde a diferença pode mostrar-se de modo mais radical e o ódio que vemos surgir aí, são questões importantes e podem ser consideradas como manifestações de um temor a perda da identidade.

Fenomenologia da Vida e Psicanálise: A origem dos sentimentos frente ao estrangeiro

Martins⁶ refere que para a fenomenologia da vida, a humanidade forma uma só comunidade invisível, partilhando como fundo comum, a vida de todos nós. É nesta força da vida, neste “fundo”, que se está junto, um com o outro. E nunca isolado, nunca só, que se experimentam todas as nuances da afetividade: amor, ódio, simpatia, tristeza, solidão, ressentimento, em sentimentos de fruição ou de desespero.

Para Henry “[...] quando cada um dos viventes se olha, se representa e se pensa como um ego ou um alter ego [...] se origina uma nova dimensão de experiência que deve ser descrita segundo suas próprias características.]”.⁷

Diz Proença⁸ que “o processo pelo qual a vida vem a si implica tanto os indivíduos como as comunidades é o da cultura [...] que se confunde com a vivência carnal da potencialidade da vida”. Na cultura se expressa o *pathos* primitivo da vida, que se manifesta como sofrer ou fruir.

A busca pela objetividade absoluta, resultante da ideologia da ciência, caracteriza a barbárie, já que a vida fica bloqueada e não pode se efetivar e não ser pelo sofrimento. Quando a energia da vida, que é poder sentir-se, torna-se sem reconhecimento e valor para

⁶MARTINS, F. O corpo e o espírito por entre a essência da Manifestação de Michel Henry. **Rev.Humanística e Teologia. Michel Henry. O incondicional da condição humana**. Porto: Universidade Católica Editora, ano 35, fascículo 2, dez. 2014, p. 163-190.

⁷HENRY, M. **Fenomenologia de la vida**. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010, p. 165.

⁸PROENÇA. N. M. Corpo, fruição e sofrimento: a partir da fenomenologia de Michel Henry. **Comunicação Colóquio Internacional “Corpo e afetividade na fenomenologia material de Michel Henry”**. Lisboa: CEFI – Centro de Estudos de Filosofia, Faculdade de Ciências Humanas, p. 9, 3 de dezembro de 2015. (no prelo).

si, o ato resultante é um processo de aniquilação, de rejeição, de repúdio do outro que vem a provocar angústia e desespero.

Nos dias de hoje, emprega-se o termo Barbárie, quando “[...] se tem medo da ordem do mundo em que vivemos, seja ela cultural, política, moral ou religiosa [...] com o significado do fim de uma cultura, que para Michel Henry⁹ representa o abandono das práticas do sentir-se sentindo, da possibilidade do ser. Quando a ciência anula o saber e o conhecimento que não é científico, anula o conhecer que remete ao que o sujeito percebe em si e de si, anulando também, a vida.

Henry escreve sobre o progresso selvagem no qual não há vínculos que possam remeter ao que ele chama de vida. A relação com as ciências e a contemporaneidade com as ideologias da barbárie são constatadas na dramática destruição da cultura e do saber humano, quando se deixa de lado o sensível, o mundo da vida, revelando o que chamou de “doença da vida”. “É a própria vida que é atingida. São todos os seus valores que tremem, e não só a estética, mas também a ética, o sagrado - e com eles a possibilidade de viver o dia a dia”¹⁰.

A reflexão sobre as migrações também nos levou ao texto freudiano “O estranho”¹¹, que discorre sobre aquilo que é assustador, com o que provoca medo e horror. “[...] o estranho é aquela categoria do assustador que remete ao que é conhecido, há muito familiar”, mostrando que é justamente algo de mais intimamente familiar que pode tornar-se inquietantemente estranho. Freud afirma que todos somos estrangeiros de nós mesmos; a estranheza também é nossa, apesar de habitar o mesmo lugar que é sentido como inquietante.

Desta forma pode-se acrescentar que o estranhamento que é sentido quando alguém vê algo desconcertante remete a uma experiência vivida psiquicamente. Este registro está oculto pelo processo de recalçamento, portanto inconsciente.¹² Por este viés encontram-se as referências ao duplo na geração de sentimentos inquietantes. Rank¹³ refere que o duplo

⁹HENRY, M. **A Barbárie**. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.

¹⁰HENRY, M., 2012, p. 22.

¹¹FREUD, S. O Estranho. In: STRACHEY, J. (ED. E Trad.) **Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 17, 1976, p. 237-314.

¹²BRÍGIDO, M. A. S. A passibilidade do corpo decorrente do sofrimento psíquico. In: ANTÚNEZ, A. E. A.; MARTINS, F.; FERREIRA, M. V. (Orgs). **Fenomenologia da Vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia**. São Paulo: Escuta, 2014b, p. 299-306.

¹³RANK, Otto. **O Duplo. Um estudo psicanalítico. (1939)**. Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2013, 159 p.

se relaciona ao irmão que na vida cotidiana de alguém é como uma imagem refletida do próprio ego. Os sentimentos são de competitividade frente ao rival fraterno (rivalidade pelo amor do pai ou da mãe). O autor afirma que o tema dos irmãos é uma interpretação do primeiro significado não duvidoso e puramente subjetivo do duplo.

O estabelecimento da inquietação das vivências tem origem nos complexos infantis recalçados que se mostram à luz quando alguém que é outro remete à uma repetição. “O inquietante das vivências produz-se quando complexos infantis recalçados são novamente avivados, ou quando crenças primitivas superadas parecem novamente confirmadas”.¹⁴

O estranho anuncia, então, a morte, pois há ameaça advinda do estrangeiro, do que é desconhecido provocando uma angústia inominável. O perigo é jogar sobre alguém o estranho que existe em nós. Desta forma o outro viria a representar o nosso conflito que desconhecido, angustia e esta angústia é combatida por atos bárbaros. Os sentimentos de desprezo, a abominação e temor são provocados pelo diferente que é percebido e, também pelo que cada um sente em si.

Assim, se justifica a agressividade dirigida ao estranho (estrangeiro), que é facilmente verificável no contexto social e mostra uma tentativa de manter o estranho depositado fora, fixando esta estranheza no outro, que então se torna ameaçador, perseguidor, passível e merecedor de ser exterminado.

Considerações Finais

Para Michel Henry a humanidade partilha de um fundo comum, que é estabelecido com o outro em *pathos*, afetividade originária pura, que consiste na vida doada a todos nós. Comunidade de vivos, possibilidade de reconhecer e ser sensível ao outro. Desta forma, é necessário ter o outro para poder reconhecer-se, experienciar o poder de ser. Ouvir e ser ouvido, tocar e ser tocado, sentir-se sentindo. Ao deixar de lado a experiência do sentir acontece a barbárie.

Para Freud, para constituir-se como sujeito é necessário reconhecer o semelhante como diferente, com peculiaridades, como alguém a ser diferente de si. É um outro. Poder

¹⁴ TRESTES, K.; DEGANI, R.; ENGBRECHT, S. *Unheimlich*, o Inquietante diante da Loucura Intervenções no Mal-Estar. In: CONTE, B.S; HENZEL, S. **Exclusão e inscrição psíquica: da escuta psicanalítica no social**. Porto Alegre: Evangraf, 2012, p.43.

reconhecer e respeitar as diferenças culturais, sociais, idiomáticas e religiosas, é poder sentir o diferente como não ameaçador. O espaço próprio é garantido.

Em nosso estudo, tanto para Henry como para Freud o ponto comum é a afetividade mesmo sendo por construções teóricas diferentes.

Referências

BRIGIDO, M. A. S. Barbárie na Psicanálise, Ciência e Cultura. Uma Intersecção Conceitual. In: I Congresso Internacional Pessoa E Comunidade: Fenomenologia, Psicologia e Teologia e III Colóquio Internacional de Humanidades e Humanização em Saúde,1, 2014a, São Paulo. **Anais** São Paulo: IPUSP, 2014.p.629-640.

BRÍGIDO, M. A. S. A passibilidade do corpo decorrente do sofrimento psíquico. In: ANTÚNEZ, A. E. A.; MARTINS, F.; FERREIRA, M. V. (Orgs). **Fenomenologia da Vida de Michel Henry: interlocução entre filosofia e psicologia**. São Paulo: Escuta, 2014b, p. 299-306.

HENRY, Michel. **A Barbárie**. São Paulo: É Realizações Editora, 2012.

HENRY, M. **Fenomenología de la vida**. 1ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

FREUD, S. O Estranho (1919). In: STRACHEY, J. (Ed. & Trad.) **Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, v. 17, 1976, p. 273-315.

MARTINS, F. O corpo e o espírito por entre a essência da Manifestação de Michel Henry. **Rev.Humanística e Teologia. Michel Henry. O incondicional da condição humana**. Porto: Universidade Católica Editora. Ano35, fascículo 2, dez, 2014, p. 163-190.

PEREIRA, A. J. P. Da Barbárie como fenômeno ético e político. In: II Congresso Internacional da Faculdades EST, v.2, 2014, São Leopoldo. **Anais**São Leopoldo: Faculdades EST, 2014. p. 568.

PROENÇA. N. M. Corpo, fruição e sofrimento: a partir da fenomenologia de Michel Henry. **Comunicação Colóquio Internacional “Corpo e afectividade na fenomenologia material de Michel Henry”**. Lisboa: CEFI – Centro de Estudos de Filosofia, Faculdade de Ciências Humanas, p. 9, 3 de dezembro de 2015. (no prelo).

RANK, Otto. **O Duplo. Um estudo psicanalítico**. (1939). Porto Alegre: Gradiva Editorial, 2013, 159 p.

TRESTES, K.; DEGANI,R.; ENGBRECHT, S. *Unheimlich*, o Inquietante diante da Loucura Intervenções no Mal-Estar. In: CONTE, B.S; HENZEL,S. **Exclusão e inscrição psíquica: da escuta psicanalítica no social**. Porto Alegre: Evangraf, 2012, p.43.